

O MÁXIMO TECELÃO DO VERBO

BETTO PAIVA

Jornalista

Artigo publicado no Jornal *O Liberal*, página 2, em 17.12.1991

Quarenta anos de arte poética e sete livros. Fabricante de poesia, tecedor de palavras, Max Martins pode ser considerado um dos primeiros poetas modernos do Pará. Com um novo livro a ser lançado, Max revela uma outra face: a de artista plástico que compõe colagens.

Max Martins é um daqueles indivíduos que se dedica à trama da palavra e todas suas construções e articulações possíveis e imagináveis. Max é poeta. E dos melhores. Seu novo livro, *Não para Consolar*, é uma coletânea de todos os seus livros já publicados e mais um de poemas inéditos. Uma novidade acompanha a publicação: Max mostra nesta publicação uma outra de suas tantas faces, "compositor de colagem".

Nesta nova publicação, editada pela Cejup, com o selo e coleção Cultural Brasil, o poeta une sua mais nova criação, *Marahu Poemas*, com todos seus livros passados. Assim, a nova edição é composta de 9 livros, fazendo um retrospecto de toda a arte poética de Max: *O estranho*, de 1952; *Anti-retrato*, de 1960; *H'Era*, de 1971; *O risco subscrito*, de 1980; *A fala entre parêntesis*, de 1982, renga em parceria com Age de Carvalho; *Caminho de Marahu*, de 1983; "60/35", de 1985, fazem parte desta publicação antológica. Fora isso, Max publica suas colagens, um dos principais divertimentos do poeta.

Segundo Max, sua poesia vai muito bem, obrigado. Defini-la é um serviço muito difícil neste momento. "Não parei ainda para passar os olhos sobre meu objeto de criação. Sempre me empolga com um poema novo. Mas sempre me escapa o que eu penso dele", revela.

Como todo criador — principalmente ele, que tem jeito, aura, cara e capacidade de poeta — Max tem o poder de se extasiar com a poesia, com sua criação. A palavra, seu instrumento, é um objeto que instiga, fere às vezes. Interpelado por um repórter, alguns anos atrás, sobre qual era o seu ideal poético, Max afirmou veemente que era fazer amor com as palavras. Hoje pensa diferente: quer que as palavras façam amor consigo mesmas. "Eu sei que passo uma sensualidade. No todo do poema, quero fazer com que as palavras se toquem."

E este erotismo da palavra, para ele, é conseguido através das rimas, aliterações, ligações que a própria palavra tem com outras. Todos os recursos fonéticos, semânticos, verbais, podem ser utilizados para esta cópula, esta junção. Para a fabricação do poema, enfim, "Do casamento da visualidade da palavra com seu som, faço poesia. A minha arte poética prima pelo movimento e por todo esse jogo fascinante."

Max considera-se um poeta à moda antiga, quase avesso à tecnologia. Seus poemas são sempre manuscritos, depois de reescritos várias vezes, e demoram a passar para a página datilografada. Eis o encanto da página branca que tanto fascina o poeta, que arrisca dizer que jamais conceberia um poema na tela de um computador. "O branco do papel me seduz. Adoro os borrões. As manchas dos dedos na página são extremamente envolventes. São eles de ligações que, faço questão, fiquem no meu cotidiano de criador."

OUTROS ENCANTOS

Antes de escrever seu primeiro poema, Max possuía uma paixão: era fissurado em revista em quadrinhos. Além de cultivar uma profunda admiração pelas artes visuais. "Espertei antes para imagem, depois a palavra surgiu na minha vida". Do envolvimento com os quadrinhos (que se dava de maneira muito lúdica, não tão intelectualizada como é hoje), surgiu o hábito de rabiscar algumas coisas, fazer pequenos desenhos. "Fazíamos umas revistas em pequenos números, desenhando em papel de embrulho. A revista era um brinquedo, fazê-la, uma brincadeira."

Dá para a colagem foi um susto e um salto. A partir de 1980, a colagem se consolidou na vida de Max como um de seus três divertimentos preferidos, junto com o hábito de toda manhã, sagradamente, dar pedacinhos de pão aos pombos que cria e olhar para o rio na praia de Marahu. "É um esvaziamento salutar. Não é passatempo. É uma outra possibilidade de criação. Fontes de profundas inspirações."

Suas primeiras colagens fazem parte desse novo livro. Colagens que datam do ano de 80, quando ao juntar pedacinhos de imagens, fragmentos de poesia, Max compunha figuras e interferências em preto e branco e as denominava de xerogravura, pelo simples fato de serem pensadas para a reprodução xerográfica, posteriormente.

Depois, o poeta começou a fazer trabalhos coloridos em seu diário. Que, segundo ele, não chega nem a ser um diário, é mais "pronto-socorro da memória". Porém, o poeta não se considera um artista plástico, nem tampouco tem a pretensão de sê-lo. "Nunca tive professor de artes plásticas, nem me interessei em fazer estudos muito profundos sobre o assunto. Adoro a imagem e gosto de me 'esvaziar' com esta atividade."

A atividade de colar e justapor imagens não começa com uma intenção preliminar. Para ele, os motivos surgem dentro do próprio trabalho: "Passo horas, recortando estes papezinhos coloridos". Entretanto, seu trabalho agrada tanto a quem vê, que Max foi estimulado pelos amigos, entre eles Dina Oliveira, Maria Lúcia Medeiros, Josebel Fares, a fazer uma exposição, que será realizada na galeria da Casa da Linguagem, dentro da programação de lançamento do seu livro.

As colagens do poeta podem ser encontradas ainda na capa dos dois volumes de *Texto e Pretexto*, de Reivaldo Vinas, Josebel Fares, Josse Fares e Paulo Nunes, e no folder de apresentação da Casa da Linguagem. "É um privilégio ter meus trabalhos, envolvidos com proposta bem sérias. E sendo apresentação, inclusive. Satisfação maior é saber que as pessoas poderão gostar deles."

Um sonho que Max acalenta é a possibilidade de fazer um livro só com essas colagens. "São muitas e eu gosto de todas". Mas, com os pés fincados no real, tem consciência da dificuldade e do preço que a edição comportaria. "É um livro caro, eu sei. Primeiro porque seria todo colorido e a impressão seria de grande dificuldade. Mas somente o farei, se oportunidade tiver, com a qualidade necessária a um projeto de tal porte."

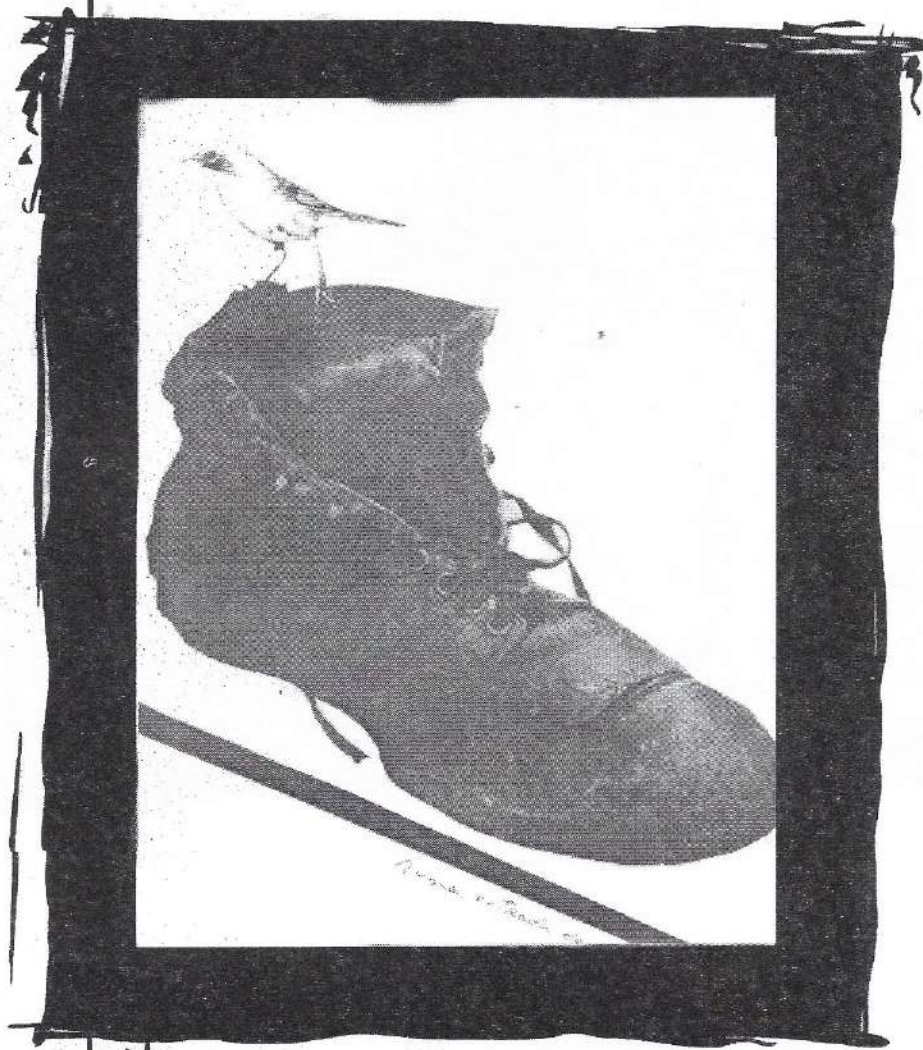
NOVA POÉTICA

Esta ligação com a imagem faz com que Max se preocupe muito com a visualidade de seus livros. Inclusive, com o surgimento do Concretismo, Max realizou alguns poemas visuais. Desde *Caminho de Marahu*, passando pelo folder "60/35", a imagem é uma constante na página, companhia do poema. Na novo livro, ela novamente está presente. "Gosto que seja assim. Mas não me eleva o desenho realista. Admiro o desenho não explícito, aquele que foge e ao mesmo tempo se liga com a poesia da palavra. Assim é que caso esses dois itens."

Além do livro que está sendo lançado e que sai com certeza até o final deste ano, Max já tem um outro livro de poemas inéditos, chamado *Para ter onde ir*, que ainda não tem previsão de ser editado, mas que, provavelmente, sairá por uma editora paulista.

Quanto a este, Max faz questão de não revelar nada ainda. O outro, que estará nas mãos dos leitores paraenses logo logo, tem uma porção de gente competente acompanhando o autor. O projeto gráfico é assinado por Age de Carvalho com composição de Martina Hutter. As fotos são do fotógrafo vienense Belle Borsodi. O prefácio é de, nada mais nada menos, Benedito Nunes.

Aqueles que apreciam a obra poética de Max podem constatar que o caminho de Marahu ainda é a trilha seguida pelo poeta. Só que, desta vez, com uma outra roupagem, pelo menos, inédita. Quando perguntado da importância e influências de Marahu em sua poesia — se era sina, perseguição, fanatismo, paixão —, Max respondeu assim: “Não é a ilha, Não é a praia. E o mar (de nos fazermos ao). É só um nome, sem a outra margem. Coisas de poeta...”



Colagem de
Max Martins
(1991)



Foto: Marton Maués